

**A MEU  
VER**

Projeto apoiado pela Fundação  
Calouste Gulbenkian e pela  
Fundação "la Caixa" através da  
iniciativa PARTIS & Art for Change

27-29 JUN

# CONDOMÍNIO (PONTO) PT

3º Teatrão



O TEATRÃO É UMA ESTRUTURA APOIADA E FINANCIADA POR:



rede de  
teatros com  
programação  
acessível



CÂMARA MUNICIPAL  
COIMBRA

FINANCIADORES:



UMA INICIATIVA:  
FUNDAÇÃO CALOUSTE  
GULBENKIAN



PARCEIROS:

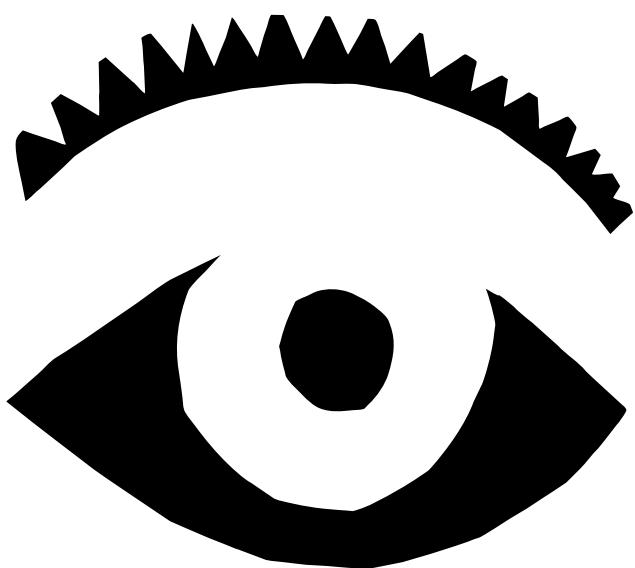


## Sinopse

Num condomínio, moradores reúnem-se para decidir o futuro. “É preciso tomar decisões”, ouve-se. Apesar do consenso, ninguém se apresenta para assumir responsabilidades ou para colaborar na construção de um futuro melhor. O medo do desconhecido, o receio de tomar decisões e a resistência à mudança instalam-se, fazendo com que os problemas individuais, se sobreponham à urgência de uma decisão coletiva.

Este poderia ser qualquer prédio, de qualquer cidade, pois em cada apartamento vemos refletidas as complexidades e desafios enfrentados por todo um país.

As perguntas são muitas e quase sempre as mesmas: O que fazer – lutar ou esperar? Haverá esperança?



## Coordenação

Chegados ao fim de 3 anos de projeto, sabemos todos, que não somos iguais. O Teatrão não é igual e o impacto gerado pelo **A MEU VER** é sério. Não é só a audiodescrição, receber novos públicos da cidade, da região e de outros pontos do país para estas sessões. Não é só a formação da equipa, nas áreas da comunicação, frente de casa, bilheteira. Não são só as obras e mudanças estruturais no equipamento, na OMT. Não é só o trabalho regular no Grupo de Trabalho das Pessoas com Deficiência, com todas as Instituições desta área e o Município de Coimbra. É tudo, é muito.

Das pessoas, os participantes, da voz que ganharam, do prazer que descobriram, do teatro que fizeram só podemos agradecer e lutar para que continuem a caber no Teatrão.

Isabel Craveiro, coordenação geral de projeto

# Sobre o espetáculo

Ao longo dos últimos três anos, o grupo do projeto A Meu Ver, povoou os espaços da Oficina Municipal do Teatro. No primeiro ano fizeram desta “casa” ponto de chegada e de partida, abrindo espaço para a reconciliação com o sonho. No ano seguinte lançou-se um novo olhar sobre a “casa”, casa em perigo de incêndio, metáfora para os perigos de não estar atento ao que acontece ao nosso redor. Chegou o terceiro e ultimo ano do projeto A Meu Ver.

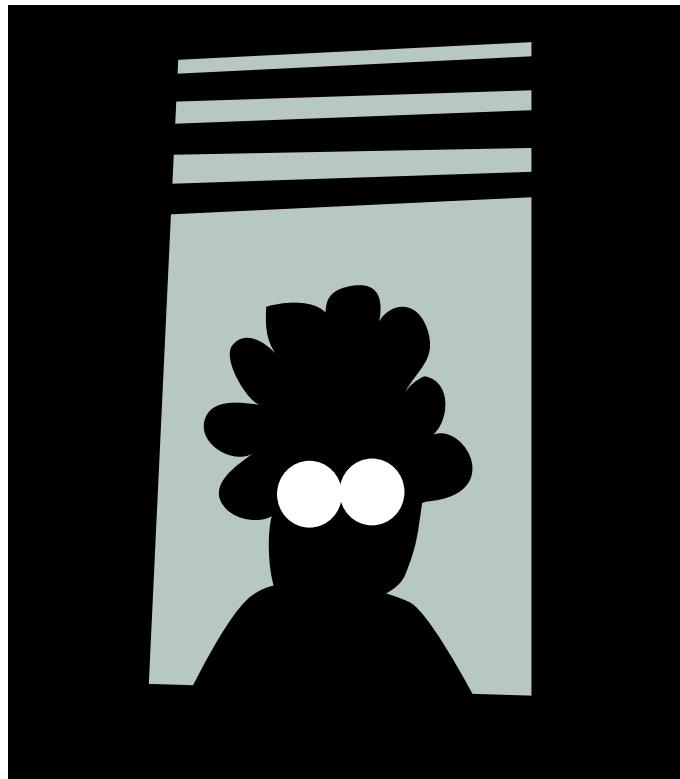
Com a ajuda da Sandra Pinheiro, desmontou-se a casa e partiu-se à descoberta de um universo análogo, o do condomínio. Questionou-se o que move um grupo que habita um espaço, mas também o que o paralisa e construiu-se um espetáculo sobre um condomínio, habitado por pessoas que são, tal como qualquer um, muito mais do que revelam em público.

O espetáculo começa com um olhar macro sobre a reunião de condomínio, onde os moradores se juntam para discutir questões cruciais relacionadas com a gestão do edifício.

Contudo, o que poderia ser uma oportunidade para tomada de decisões revela-se um labirinto de hesitações, debates infrutíferos e uma incapacidade generalizada de avançar. Esta reunião inicial estabelece o tom para o que está por vir: uma reflexão sobre a inércia que tantas vezes nos impede de progredir. Transportados para dentro de cada apartamento do condomínio, acontecem cenas isoladas que nos dão uma nova perspectiva sobre a vida de cada uma das personagens e sobre os dilemas que enfrentam. Percebemos os medos e as incertezas que muitas vezes moldam as nossas escolhas e comportamentos, mas também a alegria das pequenas conquistas e o alívio que se sente na tomada de decisão. Ao mesmo tempo, a interação entre as personagens reflete as tensões sociais e as lutas internas que poderiam muito bem definir o quotidiano do nosso país. Este é o momento de decidir o que virá depois do agora. As perguntas persistem, ecoando nos corredores e nas mentes inquietas. O que fazer – lutar ou esperar? Haverá esperança? Por sugestão dos condóminos, perguntou-se a resposta à inteligência artificial. A resposta foi a seguinte:

A resposta a essas perguntas pode variar dependendo da situação específica em que nos encontramos. Às vezes, é necessário lutarativamente pelos nossos objetivos e não esperar que as coisas mudem por si só. No entanto, há momentos em que é prudente ter paciência e esperar por melhores oportunidades. Quanto à esperança, ela muitas vezes reside na capacidade de perseverar e acreditar que as coisas podem melhorar, mesmo quando a situação parece desafiadora.

Mariana Nunes, encenadora



# **Agora sim!**

# **Agora não!**

E é assim que andamos por cá! A brincar aos sins e aos não's, não dizemos sim quando devemos nem dizemos não quando podemos. Decidir? Tomar decisões? É mais fácil não dizer nem sim. nem não, assim não nos envolvemos e deixamo-nos andar a(s)sim ou a não. E é assim que andamos por cá! A brincar aos impasses, à apatia, às abstenções. O povo, o mundo, tudo reclama minha gente e nada se faz. Não diz sim nem diz não. somos espetadores da destruição da humanidade.

Será que a Esperança é a última a morrer ou talvez não valha a pena esperar?

Mónica Tavares, encenadora

## **Cenário e figurinos**

Nesta reunião de condomínio, o cenário é um lugar de reunião das pequenas partes de cada casa e de cada morador. Espelha a diversidade de pessoas e possibilita a sua união, mesmo que aparentemente as formas de cada plataforma e cadeira sejam angulares e difíceis de encostar à seguinte. É como uma constante negociação para um compromisso.

De maneira semelhante, os figurinos são uma pequena amostra do tipo de vida que estas personagens levam. Foram organizados em três grupos: os brancos, pretos e dourados de quem tem poder de decisão sobre o rumo do condomínio; os coloridos de quem não tem já laços com aquele lugar e escolheu viver, fisicamente ou mentalmente, num lugar imaginado; e os de tons neutros de quem tenta até ao fim encontrar um caminho sem abandonar o passado comum.

Filipa Malva, cenógrafa e figurinista

## **FICHA TÉCNICA E ARTÍSTICA**

**TÍTULO** CONDOMÍNIO (ponto) PT

**DRAMATURGIA** Sandra Pinheiro

**DIREÇÃO** Mariana Nunes e Mónica Tavares

**COORDENAÇÃO DO PROJETO** Isabel Craveiro, João Santos

**COORDENAÇÃO CIENTÍFICA** Cláudia Carvalho, Fernando Fontes, Susete Margarido

**INTERPRETAÇÃO** António Pereira, Armando Sousa, Carla Rodrigues, Carlos Pimentel, Cati Ramos, Clara Pinto, Eliana Ramos, Eunice Santos, Graça Alves, Graça Cruz, Guida Álvaro, Isabel Marques, Isabel Pimentel, Maria Manuela Durão, Mário André Cardoso, Marta Carriço, Sandra Cavaleiro

**DESENHO DE LUZ** Jonathan de Azevedo

**BANDA SONORA** Nuno Pompeu

**FIGURINOS E CENOGRAFIA** Filipa Malva

**GRAFISMO** Studio And Paul

**FOTOGRAFIA** Carlos Gomes, Mário Canelas, Paulo Abrantes e Teresa Valente

**COMUNICAÇÃO** Luís Marujo, Margarida Sousa

**PRODUÇÃO** Cátia Oliveira, Eva Tiago, Isabel Craveiro

**PARCEIROS** Partis & Art for Change, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação "la Caixa", ACAPO



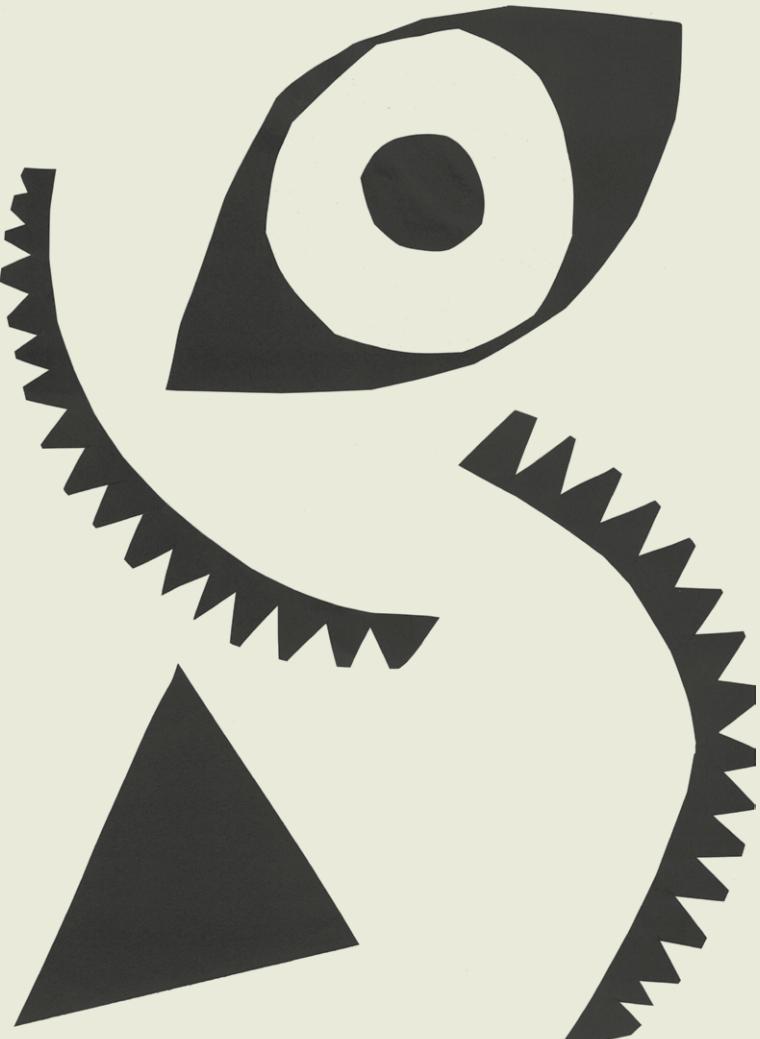
## O projeto: A Meu Ver

Este projeto é uma iniciativa conjunta do Teatrão e da ACAPO Coimbra que, partindo da criação de um núcleo de trabalho dedicado à prática teatral constituído na sua maioria por pessoas com deficiência visual, procura uma interferência clara nas diferentes dimensões da vida dos seus participantes, tirando partido da complexa e multifacetada relação que a prática cultural pode ter com as transformações no ser humano.

A Meu Ver é financiado pelo Programa PARTIS & Art for Change, da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação “la Caixa”, e pela Direção-Geral das Artes/República Portuguesa, contando, ainda, com parceiros ligados à academia – o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra – e ao poder local – o Município de Coimbra.

Cruzando um conhecimento artístico, académico e social para o trabalho direcionado a pessoas com deficiência visual, através de oficinas e outras práticas que permitam a construção e uma nova visão crítica sobre a sua realidade, A Meu Ver pretende contribuir para que os seus participantes se emancipem e adquiram visibilidade dentro da comunidade, reivindicando assim uma cidadania plena.

No final de 2023, o projeto recebeu da Organização Nacional de Cegos de Espanha (ONCE) o Prémio Festival Teatro Valacar 2023 pelo excelente trabalho desenvolvido no projeto.



## **Teatro**

Criámos uma oficina regular de teatro a que chamámos Sala de Ensaios e que tem desenvolvido, com uma equipa artística profissional e multidisciplinar, a produção de espetáculos, com estreia e temporada na Oficina Municipal do Teatro (OMT). É nosso objetivo que estas mesmas criações possam circular por outros equipamentos nacionais ou internacionais, através dos parceiros da ONCE. Em 2022, estreámos O que é invisível – espetáculo-percurso pela OMT e cuja dramaturgia foi construída a partir dos universos individuais de cada participante. Em 2023, procurámos aprofundar os desafios artísticos, no que diz respeito à proposta de encenação, à interpretação e à dramaturgia utilizada, com uma adaptação de O Senhor Biedermann e os Incendiários, de Max Frisch. Este ano, no último espetáculo do grupo no âmbito do projeto A Meu Ver, o grupo olha para a sua experiência de vida enquanto traça paralelos com os acontecimentos do mundo, usando a analogia da vida num prédio. CONDOMÍNIO (ponto) PT é uma encerra uma metáfora importante, perguntando-nos sobre qual a forma como queremos estar no mundo.

## **Comunidade**

A prática teatral com pessoas com deficiência visual é praticamente inexistente em Portugal. A produção de conhecimento a partir desta experiência, o estudo e acompanhamento de outras práticas internacionais e o contacto com cientistas sociais já com reflexão nesta área é fundamental. Daí que tenha nascido uma parceria internacional com coletivos teatrais associados à ONCE, nomeadamente os núcleos da Corunha, Sevilha e Madrid, que desde a década de oitenta do século passado têm desenvolvido uma prática continuada de produção e digressão de espetáculos com resultados muito expressivos para intérpretes e comunidades. Também por isso, convidámos os investigadores Fernando Fontes e Cláudia Pato de Carvalho do CES-UC para acompanhar, monitorizar e medir os impactos deste projeto na vida dos seus participantes.

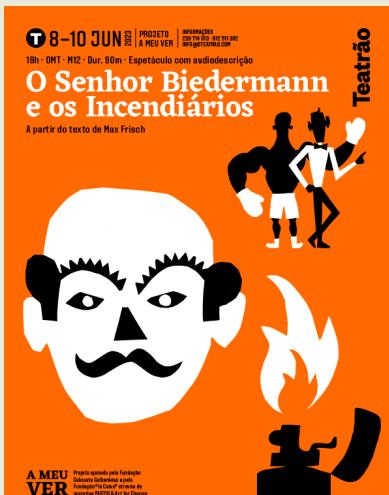
## **Acessibilidade Cultural**

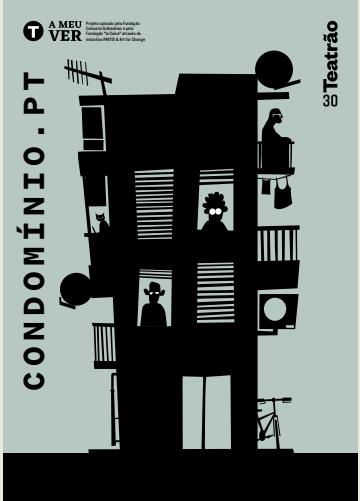
A Meu Ver é também uma intervenção sobre a cidade de Coimbra, nomeadamente no que à acessibilidade cultural diz respeito. A OMT é o único espaço da cidade que faz parte da Rede de Teatros com Programação Acessível, integrando, na sua programação regular, tradução em Língua Gestual Portuguesa e, a partir de 2022, serviço de Audiodescrição. Esta oferta integra espetáculos da companhia ou acolhimentos externos nas áreas do teatro e da dança. Nesse mesmo ano, programámos a formação “Além do Físico: barreiras à participação cultural”, da Acesso Cultura, dirigida a agentes, programadores, diretores, gestores, mediadores e produtores culturais da cidade e região. Por outro lado, em parceria com o Município de Coimbra, programámos o seminário “Coimbra Cultura Acessível”, onde procurámos iniciar uma discussão sobre as políticas de acessibilidade a espaços culturais na cidade para desenhar a transição a operar para uma cidade culturalmente mais acessível. O impacto destas atividades e a visibilidade destas práticas para a restante comunidade é uma outra dimensão fundamental de A Meu Ver. Neste sentido tornou-se ainda mais importante a produção de materiais, como artigos científicos, que inscrevem este projeto no tempo e contribuem para a sustentabilidade futura do mesmo.

## **Participantes**

Inicialmente, o grupo foi composto por indivíduos com graus diversos de deficiência visual. Mais de metade vive em isolamento social, dependente, e sem participação cívica. Uma parte dos utentes teve acesso à formação profissional e trabalha, embora o seu rendimento não permita a independência financeira. No que toca à atividade cultural, raramente consomem bens culturais, tendendo a circunscrever esta atividade ao seu domicílio, à televisão ou rádio. A sua participação no projeto tem concretizado a sua integração do núcleo teatral, no processo de ensaios e de produção das criações e em ensaios abertos. Entretanto, a partir de uma open call de setembro de 2022, o grupo de teatro passou a integrar também participantes normovisuais, perfazendo um grupo de 17 pessoas.

## Timeline do projeto

2021			
1 JAN	Arranque do projeto	9 JUN	Seminário <b>Coimbra Cultura Acessível</b> , em parceria com o Município de Coimbra
14 MAI	Primeira sessão Sala de Ensaios	1 SET	Open call a novos participantes para integrar a segunda criação <b>A Meu Ver</b>
25 MAI	Arranque da Zona de Saída com o espetáculo <b>Aldebarã</b> da Terra Amarela		
			
2022			
1 MAR	Teatrão passa a integrar a Rede de Teatros com Programação Acessível	2023	
8 MAR	Formação <b>Além do Físico: Barreiras ao Acesso Cultural</b> , orientada por Maria Vlachou da Acesso Cultura	23 JAN	Primeiro encontro do laboratório <b>Acessibilidade às práticas artísticas da comunidade com deficiência visual</b> , em parceria com a Filarmónica Enarmonia.
25-27 MAR	Estreia de <b>O que é invisível</b>	28 FEV	Defesa da tese de Mestrado “Deficiência e práticas artísticas: o papel do teatro na formação da identidade das pessoas com deficiência visual”, da autoria de Susete Margarido. Tese resultante do acompanhamento do primeiro ano do projeto.
		8-10 JUN	Estreia de <b>O Senhor Biedermann e Os Incendiários</b>
2 ABR	Acolhimento de <b>Ataque Preventivo</b> pelo Teatro Valacar (coletivo ligado à ONCE)		
		18 JUN	Acolhimento de <b>La Clase Muerta</b> pelo Homero Teatro (coletivo ligado à ONCE)
3 ABR	Oficina <b>Teatro de Emergência</b> pelo encenador Pedro Rubín	19 JUN	Oficina de criação teatral <b>Actuar “con” lo genuino</b> , com Gonzalo Validiez (encenador do Homero Teatro)

<b>23 JUN</b>	Segundo encontro do laboratório Acessibilidade às práticas artísticas da comunidade com deficiência visual com os convidados Adrián Rincón e Loly Ayuma, em parceria com a Bengala Mágica.	<b>2024</b>
		<b>27-29 JUN</b> Estreia de <b>CONDOMÍNIO (ponto) PT</b>
<b>26 JUN</b>	Terceiro encontro do laboratório Acessibilidade às práticas artísticas da comunidade com deficiência visual com o convidado Saïd Gharbi, em parceria com a Vo'Arte.	
<b>29 JUN</b>	Publicação do artigo "A experiência artística, a participação cultural das pessoas com deficiência e as possibilidades mediadoras da arte", da autoria de Cláudia Pato de Carvalho, Fernando Fontes e Susete Margarido, na Revista Lusófona de Estudos Culturais, Vol. 10, N.º 1.	<b>28 JUN</b> Encontro <b>A Ver, Vamos?</b>
<b>24 JUL</b>	Quarto encontro do laboratório Acessibilidade às práticas artísticas da comunidade com deficiência visual com o convidado Tony Weaver, em parceria com a Terra Amarela.	
<b>16 NOV</b>	Entrega do Prémio Festival Teatro Valacar 2023 ao projeto A Meu Ver	
<b>7 DEZ</b>	Formação <b>Comunicação acessível: design de comunicação e linguagem clara</b> orientada por Maria Vlachou da Acesso Cultura	
<b>14 e 15 DEZ</b>	Formação <b>Websites e documentos digitais acessíveis</b> orientada por Norberto Sousa da ComAcesso (via Acesso Cultura)	

# **Notas biográficas**

## **Filipa Malva [figurinista e cenógrafa]**

Cenógrafa e arquiteta. É doutorada em Estudos Artísticos pela Universidade de Coimbra e Mestre em Espaço de Performance pela Universidade de Kent, Reino Unido. Tem desenvolvido trabalho regular como cenógrafa, figurinista, artista cénica e desenhadora. Nos últimos quatro anos, tem sido responsável pela cenografia e figurinos da Casa da Esquina, Teatrão, a Cooperativa Bonifrates, os

Macadame, os Cornalusa e o GEFAC, entre outros. Distinguida com a Bolsa de Doutoramento da FCT e Bolsa de Bolsa de mobilidade Sócrates/Erasmus para a escola de Arquitetura IonMincu, Bucareste, Roménia, GAERI/Agência Nacional Sócrates/Erasmus. Espaço em arquitetura e cenografia, desenho para teatro, fenomenologia do teatro e cenografia digital e ambientes digitais tridimensionais constituem os seus atuais interesses na área de investigação. Em 2010 e 2012, foi coeditora do e-book “Performance: Visual Aspects of Performance Practice” (Oxford: Inter-Disciplinary Press) e do e-book “Activating the Inanimate: Visual Vocabularies of Performance Practice” (Oxford: Inter-Disciplinary Press). É membro fundador da Associação Portuguesa de Cenografia. Colabora com o Teatrão desde 2012.

## **Isabel Craveiro [diretora artística do Teatrão]**

Isabel Craveiro é atriz, encenadora, pedagoga e diretora artística do Teatrão. A sua formação de base conjuga o teatro, a pedagogia e a intervenção artística na comunidade. Da sua formação como atriz e encenadora destaca as aprendizagens com Rogério de Carvalho, Antonio Mercado (Brasil/Portugal), Marco Antonio Rodrigues (Brasil), Valentyn Teplyakov (Russia) e João Mota. Da sua formação como pedagoga destaca os ensinamentos de Manuel Guerra, António Fonseca, Dragan Klaic (Sérvia). Tem feito formação noutras áreas, nomeadamente Cenografia com José Dias (Brasil) e Dramaturgia (Jorge Louraço Figueira). Interpretou e dirigiu textos de autores clássicos e contemporâneos para públicos infantis, jovens e adultos.

Coordenou vários projetos de Teatro com a Comunidade desenhados e implementados em parceria com investigadores das ciências sociais (CES/UC) numa metodologia de investigação/ação. Desenha e coordena os programas do projeto pedagógico do Teatrão – Classes de Teatro, Detráspráfrete – Teatro e Memória, Aluvião, nomeadamente os projetos do programa PARTIS & ART FOR CHANGE – Bando à Parte e o programa atual A Meu Ver.

## **Mariana Nunes [professora]**

Nasceu em Coimbra a 24 de Julho de 1983. Licenciada em Teatro e Educação pela Escola Superior de Educação de Coimbra desde 2006, desenvolveu até à data diversos trabalhos como atriz, formadora de teatro, sendo também convidada por projetos pontuais para a criação de figurinos, adereços e cenografia. Exerce desde 2008 funções como professora de teatro e animadora cultural na Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra, onde fundou o coletivo Sala T com o qual desenvolve um trabalho que privilegia a intervenção com e na comunidade. Do trabalho com este grupo, composto por frequentadores do CAO (Centro de Atividades Ocupacionais) e URDP (Unidade de Reabilitação de Deficientes profundos), destacam-se projetos como “Manual de instruções”, “MUDO”, “RIMROD”, “Isto não é uma exposição”, “Valentinas” e “Caminho para Casa/Caminho em casa”. Ainda nesta instituição participou em projetos e formações transnacionais no âmbito do programa Erasmus+, relacionados com o trabalho artístico com e para a deficiência, tais como “Share the right story” na República Checa, “Imagination has no barriers” na Hungria, “Changer ton regard” projeto conjunto associações parceiras de Bruxelas (Bélgica) e Nantes (França). Participou ainda no programa de mobilidade profissional “Strategies for Smart Specialisation in (Re)Habilitation in Cerebral Palsy”, que teve lugar em associações de várias cidades do norte de Itália. É ainda formadora da disciplina de expressão corporal e dramática no Instituto Técnico Artístico e Profissional de Coimbra.

## **Mónica Tavares (atriz, professora)**

Licenciada em Teatro e Educação na Escola Superior de Educação de Coimbra em 2004. Trabalhou com António Mercado, Clóvis Levi, Fernando Mora Ramos entre outros. Em 2004 integrou o elenco fixo da Companhia de Teatro Comédias do Minho onde permaneceu até 2014. Como atriz, criadora, formadora fez parte integrante dos três eixos da companhia, Companhia de teatro, Projeto Pedagógico e Projeto Comunitário tendo trabalhado com Pierre Voltz, Phillippe Peychaud, Nuno Cardoso, João Pedro Vaz, John Mowat, Madalena Vitorino, Lee Beagley, Joana Providência, Gonçalo Amorim, Igor Gandra, Miguel Fonseca, Ricardo Alves, Silvia Real entre outros. Encenou grupos de teatro amador com quem fez Aristófanes, Frederico Garcia Lorca, Arthur Schnitzler, Nicolai Gogol. No projeto comunitário entre 2005 e 2014, fez os espetáculos anuais “Inês Negra” em Melgaço, “Queima de Judas” em Cerveira, “Deu la Deu” em Monção, onde trabalhou, para além dos actores do elenco fixo, com vários grupos de teatro amador, bandas filarmónicas, grupos de bombos, grupos corais, grupos de dança e várias associações do Vale do Minho. Para além destes espetáculos anuais, trabalhou com a comunidade dos cinco municípios do Vale do Minho em vários espetáculos da companhia de teatro. Cinema com direção de Paulo Meneses e João Pedro Plácido. Integrou de 2016 a 2020 o elenco dos Espetáculos de Teatro para Bebés pela Companhia Teatro a Quatro onde colaborou como criadora, intérprete e produtora. Atualmente desenvolve trabalho no Teatrão, Oficina Municipal de Teatro como professora nas classes de teatro, no projeto “Teatro e memória” nas Ipss's e no projeto “A Meu Ver”, e como atriz no espetáculo “Revolution (título provisório)”. Exerce como docente das disciplinas de voz, Improvisão (movimento) e História do Teatro no Curso Básico de Teatro no Conservatório de Música de Coimbra.

## **Sandra Pinheiro (dramaturga)**

Natural de Guimarães, Sandra Pinheiro é dramaturga. Fez formação de escrita teatral com José Sanchis Sinisterra, e com a Lark Play Development Centre de Nova Iorque. Em 2009 participou na International Residency for Emerging Playwrights do Royal Court Theatre de Londres. Em 2013 integrou, no mesmo teatro, o projeto Big Idea - PIIGS, para o qual escreveu o texto Adeus ao país dos velhos. Escreve para teatro desde 2003 e entre os textos que escreveu contam-se Emprateleirados (Prémio Miguel Rovisco Inatel 2003), Homens de cá e de lá, Os filhos de Teresa (menção honrosa no Prémio Nacional de Teatro Bernardo Santareno 2009), Os Trabalhadores Invisíveis, Como ser feliz em apenas 5 dias. Para o público infantil escreveu os textos: Quanto vale um presente, A melhor árvore do mundo e A nossa casa na floresta. Iniciou a sua colaboração com o Teatrão em 2012. Integrou o projeto Conta-me como é, como coautora. Entre 2020 e 2022 integrou o projeto de intervenção comunitária no Vale da Arregaça com a criação dos textos para os espetáculos De portas abertas e Os percursos do Trabalho. É fundadora da Didaskalia - Teatro empresarial e autora dos textos e atividades da companhia dirigidos a adultos e a crianças.

# Parceiros

## ACAPO

São seus objetivos a inclusão de pessoas cegas e de baixa visão e a promoção dos seus direitos e interesses, em prol da melhoria da sua qualidade de vida. Disponibiliza respostas e serviços de apoio nas áreas da representação de interesses, da dinamização associativa, da promoção de atividades culturais e recreativas, da reabilitação e promoção da inclusão social, do apoio ao emprego e formação profissional, do apoio psicossocial e ainda no desenvolvimento de intervenções especificamente dirigidas para a comunidade, compreendendo a sensibilização, a formação e o apoio técnico.

## Fundação Calouste Gulbenkian

É uma Fundação internacional, com sede em Portugal, que promove o desenvolvimento de pessoas e organizações, através da arte, da ciência, da educação e da beneficência, para uma sociedade mais equitativa e sustentável. Promovem um maior acesso à cultura e o poder transformacional da arte no desenvolvimento das pessoas e das sociedades. Contribuem para reduzir desigualdades no acesso à educação e aos cuidados dos mais vulneráveis. Promovem o conhecimento, a investigação científica, e uma maior participação e envolvimento dos cidadãos e da sociedade civil, na construção de comunidades mais sustentáveis.

## Fundação "la Caixa"

Pretende construir uma sociedade melhor e mais justa, dando mais oportunidades às pessoas que mais necessitam. Quer ser uma entidade de referência para a sociedade no desenvolvimento de soluções duradouras que: cubram as necessidades básicas dos grupos mais vulneráveis; favoreçam o progresso social dando resposta aos novos desafios na investigação, na formação de excelência e na educação; e que aproximem a ciência e a cultura a todos os segmentos da sociedade. É dada especial atenção aos programas com maior impacto transformador, como os que combatem a pobreza e a exclusão social, os que fomentam o emprego e os que ajudam a melhorar as condições de vida das pessoas mais vulneráveis.



## CONTACTOS

[agenda@oteatrao.com](mailto:agenda@oteatrao.com)

912 511 302 (chamada rede móvel nacional)

239 714 013 (chamada rede fixa nacional)